

Do projeto Balbucio: A Casa da Santa

Antonio Wellington de Oliveira Junior
Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, Brasil
Paulo Bernardino das Neves Bastos
Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Portugal

Resumo: *Ensaio de natureza multidisciplinar sobre a ação performativa/happening “A casa da Santa” quando membros do Projeto Balbucio apresentaram trabalhos desenvolvidos durante residência de um ano de duração na qual se investigou a importância da vida em comunidade e as relações entre método científico e processos de criação – entre teoria e prática –, na produção artística contemporânea.*

Palavras chave: *Projeto Balbucio, Casa da Santa, Performance, Comunidade, Lógica da Prática*

Title: *About Projeto Balbucio: The Santa's House*

Abstract: *Multidisciplinary essay about the performative action / happening "Santa's house" when Balbucio Project members presented actions developed in a residence of one year duration. They investigated the importance of community life and interfaces between scientific method and creation processes (theory and practice) in contemporary artistic production.*

Keywords: *Balbucio Project, Santa's House, Performance, Community, Theory of practice.*

Arte-Carnavalização

Pronto! O fuá estava montado. Agora, no salão onde ainda a pouco, um performer-cafetão e o responsável pela função, num rebaixamento necessário à carnavalização (BAKHTIN, 1987: 19) urgente, limpava o vômito deixado por Davi da Paz, o Ceguinho – cego profeta –, na re-performatização de “A situação” de Geraldo Anhaia Melo (São Paulo, 1978), a travesti Luma Andrade incorpora um misto de santa Maria Madalena e Maria Padilha na performance “Madá” (Tutunho e Chris Salas, Fortaleza, 2006). Rasga a roupa; só de tapa-sexo e salto alto, investe sobre fotógrafos, DJs, público e destrói parte das obras expostas. Mick Jaeger, discotecado por Luciano Almeida Filho, cumprimentava o demônio, fazendo a paisagem sonora adequada! Chris Salas distribuía seus “Pirolitos” (Fortaleza, 2006), pequenos falos de açúcar e, logo na entrada, na instalação “Mamãe quero ser...” (Tutunho, Fortaleza, 2006), uma penteadeira e um cabide convidavam o público ao travestimento. O banheiro, sem porta, serviu de cabine de *peep-shows* muito performáticos, mas nada metafórico-ficcionais e, na

garagem, deitado em câmaras de ar, o público gozava uma seleção pornô, que ia de Nagisa Oshima ao *'freak le boom boom'* explícito da Gretchen, projetada nos restos da montagem da exposição e num colchão velho. Assim, nos pouco mais de cem metros quadrados da pequena casa de esquina, encrustrada na encruzilhada das fronteiras de três bairros da cidade (José Bonifácio, Benfica e Montese), quase 200 pessoas apinhavam-se para entrar na “Casa da Santa” (Projeto Balbucio, Fortaleza, 2006) e participar da função! A Senador Pompeu parou. O trânsito sempre intenso ali teve que ceder ao furdunço, ao povo que dominou a casa, a calçada e a rua. Aquilo apontava mais prum culto dionisíaco que para uma ação performativa/happening.

[Dona Santila Pereira, Dona Santa, puta velha, e caridosa! – Deus a tenha; o diabo a afague –, ex-proprietária do cabaré mais chique de Fortaleza (ARAGÃO apud OLIVEIRA FILHO, 2012), frequentado por estrelas nacionais e altas patentes (dizem!) e fechado depois que mataram ali um oficial da marinha... Dona Santa, puta velha, ia gostar. Ia gostar de ver aquela casa, outrora prostíbulo também e, àquela época, residência do Projeto Balbucio, em ‘função’, o rendez-vous da Santa à toda de novo. Desconfio até que Santa baixou por lá!]

Era noite do dia 25 de novembro de 2006. E o que houve não foi uma mostra fria, com atmosfera *lounge* de vernissage, de ações já realizadas e protótipos de projetos de graduação em Publicidade e Propaganda, curso ao qual todos os participantes do Balbucio moradores da casa (André Quintino Lopes, o Jedi; Christiane Pereira Sallas Rolda, Chris Sallas; Edmilson Forte Miranda Junior, Juin; João Vilnei de Oliveira Filho; Tobias Sandino Gaede e Tutunho) estavam ligados. A resposta dos interatores à provocação feita excedia em muito ao esperado pelo happening pensado para a comemoração tardia dos três anos do grupo, completados no dia 28 de setembro daquele ano. O que se passara ali era definitivamente inclassificável em termos/categorias estritamente artísticos (performance, *happening*, *enviroment*, instalação...) e, há muito, descambara para um rito carnavalesco e bêbado, assim como o Balbucio – esse bacanal era prova disso! – há muito transgredira o estatuto de projeto de extensão da universidade,

mesmo o de 'coletivo de artes', e adviera uma comunidade estética.

Arte-sítio-específico

A demanda por mais encontros semanais; a dispersão geográfica dos membros do coletivo pela cidade; a falta de espaço apropriado para almoxarifado, reuniões de estudo e produção, oficinas e ensaios; a necessidade de encontrar um lugar pra a realização do evento de aniversário do projeto que, longe do 'museu', da galeria, do cubo branco, pudesse responder aos processos de criação e investigação artístico-acadêmicos do grupo naquele momento (intervenção urbana, performance, jogo, *site-specific*, arte e vida, arte e processo, novas tecnologia de informação e comunicação); a contingência financeira (a "Casa da Santa" teve apoio institucional da Universidade Federal do Ceará, mas não recebeu nenhum apoio financeiro além do Programa BNB de Cultura 2005, com o valor correspondente a menos de um terço do valor investido pelos próprios artistas): todos estes foram pretextos bastantes para o real motivo que era a vontade de viver junto. Assim foi.

Embora os sujeitos envolvidos, de início, não tenham se apercebido – contudo, logo que evidente, assumido por todos –, a intercessão daquele lugar específico e da vontade/necessidade de conviver constituiu-se o terreno fértil para a experimentação de novos processos de criação artística e métodos de investigação científica, e, *latu senso*, o "objeto", de vários trabalhos artísticos e acadêmicos desenvolvidos durante – e até dois anos mais tarde – a residência e o fio condutor daquela noite que, do criado em comunhão, era resultado vigoroso.

[Era casa dos cinquenta, de esquina, demasiado quente e sem circulação de ar; ao longo dos últimos 30 anos, paulatinamente devorada pelo asfalto, pela fumaça, pelo barulho, pela publicidade irregular, pela especulação imobiliária, que lhe desfigurou o entorno, e falta de planejamento urbano que impeça a desfiguração indiscriminada de paisagens de memória forçou uma convivência que, sem vitimar-se pela utopia inicial do falanstério (BARTHES, 2003: 9) e num movimento pendular entre duas fantasias a da sincronia cenobítica (idem: 18), imposição própria das comunidades religiosas, e a idiorritimia anacoreta (idem: 12): "todos os empreendimentos que conciliam ou tentam conciliar a vida

colectiva e a vida individual, a independência do sujeito e a sociabilidade do grupo.” (idem: XXXIII), realizou a comunidade possível, tópica, uma comunidade qualquer!]

Arte-em-comum

Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo a necessidade de cada um. (At 2, 44-45)

A título de excursão fantasiosa, isto: certamente tomaremos o Viver-Junto como fato essencialmente espacial (viver num mesmo lugar). Mas, em estado bruto o Viver-Junto é também temporal e é necessário marcar aqui esta casa: 'viver ao mesmo tempo em que...', 'viver no mesmo tempo em que...' = contemporaneidade. (...) Essa fantasia da concomitância visa a alertar sobre um fenômeno muito complexo, pouco estudado, parece-me: a contemporaneidade. Com quem é que eu vivo? O calendário não responde bem. É o que indica nosso pequeno jogo cronológico – a menos que eles se tornem contemporâneos agora? (...). Desembocaríamos talvez neste paradoxo: uma relação insuspeita entre o contemporâneo e o intempestivo – como o encontro de Marx e Mallarmé, de Mallarmé e Freud sobre a mesa do tempo. (BARTHES, 2003: 11-12).

Qual pode ser a política da singularidade qualquer, ou seja, de um ser cuja comunidade não é mediada por nenhuma condição de pertença (o ser vermelho, italiano, comunista) nem pela simples ausência de condições (comunidade negativa tal como foi recentemente proposta em França por Blanchot), mas pela própria pertença?

(...)

A singularidade qualquer, que quer apropriar-se da própria pertença, do seu próprio ser-na-linguagem, e declina, por isso, toda a identidade e toda a condição de pertença, é o principal inimigo do Estado. (AGAMBEN, 1993: 67-68)

Aquela comunidade formada ali, com propósitos e métodos (científicos e artísticos) difusos ao limite da indefinição, portanto sem identidade, cuja condição de pertença, resumia-se, ao fim, à própria vontade de pertencimento – e eis aí toda a potência política do projeto –, era uma comunidade 'qualquer'. E não consigo deixar de pensar como este encontro intempestivo, ao longo do tempo, mostrou-se sustentado no 'con-sentimento', na 'con-divisão', no 'pôr em comum', coisa de amigo (AGAMBEN, 2009: 89-91). Positivamente, a comunidade que o Balbucio pretendeu-se podia ser, em certo sentido uma comunidade de fé, se fosse possível sonegar ao termo todo o conteúdo transcendental e religioso que o uso histórico lhe emprestou e privilegiar o que nele diz respeito a uma atividade semelhante à que Agamben define como própria do contemporâneo: “Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, (...) ser capaz não

apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós” (AGAMBEN, 2009: 65), de algum modo, um movimento que se dirige ao escuro, como na epístola paulina: “A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se vêem” (Rm 11, 1). O Balbucio foi uma comunidade contemporânea.

Teoria-Arte-Prática

Constituída, assim, na abertura inexorável que possibilitou a reflexão sobre os limites e intercessões entre método científico e processos de criação, teoria e prática, especialmente no que diz respeito aos modos coletivos de pesquisa e criação artística, a produção do Projeto Balbucio em “A Casa da Santa”, tanto o que foi desenvolvido exclusivamente para a ação performativa daquela noite, mas especialmente os trabalhos de João Vilnei (Gentilândia.com), Tobias Gaede (Impressões sobre Digital Digital), Chris Sallas (Cibersinais), Juin (Por onde anda a luz) e Jedi (O essencial é saber ver) – que depois tornaram-se suas monografias de conclusão de curso – é profundamente marcada pelos esboroamento entre as fronteiras entre arte e ciência, processos de criação artística e pesquisa acadêmica. Daí a opção por projetos que privilegiassem as duas dimensões: prática e teórica, pelo ensaio como forma de escrita e pela cartografia como método de investigação. Partindo da experiência, é possível ver como a noção do conhecimento intuitivo relaciona-se com o que Pierre Bourdieu (1992) colocou como a lógica da prática, vista como o estar *comprometido com, inserido em*, nas suas palavras: *‘being in-the-game’*. Aqui, as estratégias, apesar de serem pensadas, não estão completamente pré-determinadas; elas apenas vão aparecendo, operando, de acordo com determinadas demandas decorrente da ação no tempo. A aquisição do conhecimento pode então ser entendida como uma operação cognitiva ou “atividade dos sentidos” envolvendo relações entre subjetividades individuais e fenômenos objetivos que incluem fenômenos mentais – fenomenologicamente, a relação existente entre os feitos/fatos (fenômenos) e o âmbito em que se faz presente a realidade, ou seja, a consciência –, conhecimento e ideias.]

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM*. (1985) São Paulo: Paulinas.
- AGAMBEN, Giorgio. (1993) *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença.
- AGAMBEN, Giorgio. (2009) *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- BAKHTIN, M. (1987) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC.
- BARTHES, Roland. (2003) *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, Pierre et al. (1992) *The Logic of Practice*. Londres: Stanford University Press.
- OLIVEIRA FILHO, João Vilnei de. (2012) O lugar e o “viver junto” – o projecto “Casa da Santa” e uma reflexão sobre a ideia de lugar na arte contemporânea". In: *Conferencias.cies.iscte*. Disponível em <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/view/387>. Acessado em 10.01.2013.